

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 15 | Número 1 | Janeiro – Junho 2021

ISSN 1981-5875

ISSN (online) 2316-9699

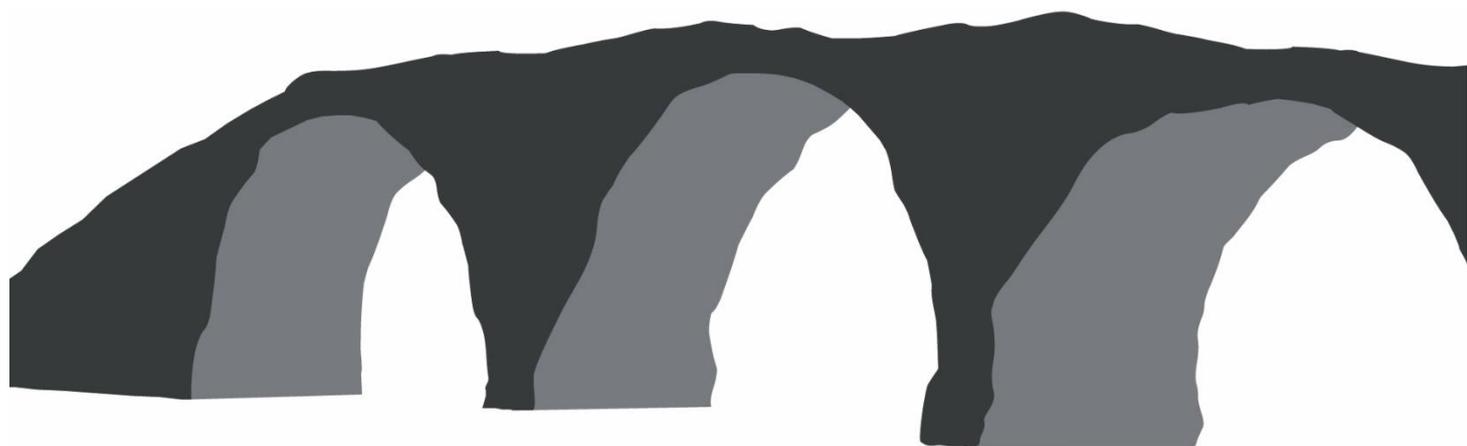
**ARQUEOLOGIA DA GUERRA DO CONTESTADO (1912-1916):  
CONFLITO, CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA**

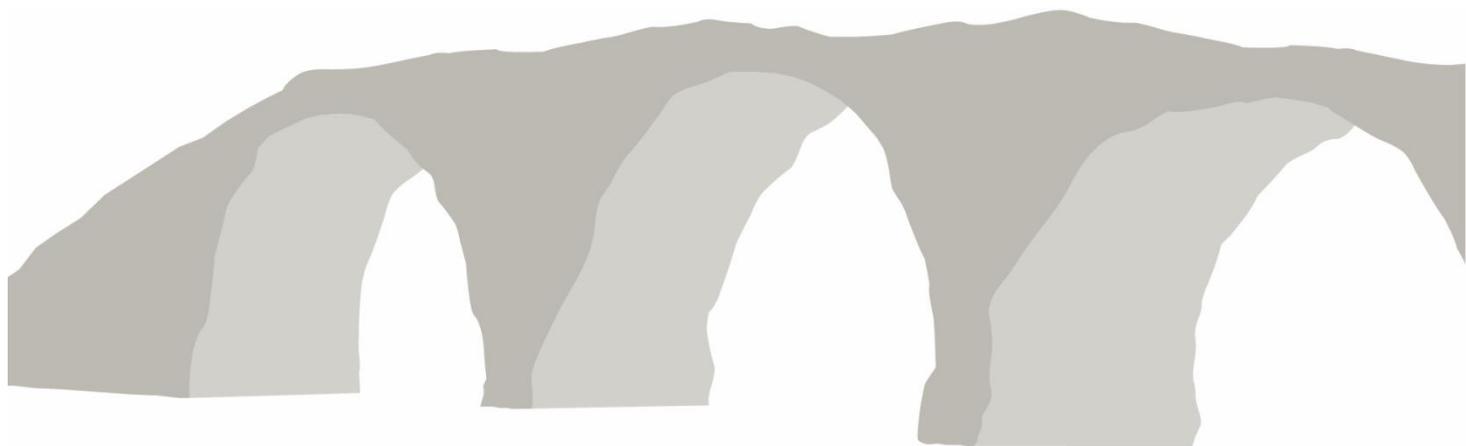
**ARQUEOLOGÍA DE LA GUERRA DE CONTESTADO (1912-1916):  
CONFLICTO, CULTURA MATERIAL Y MEMORIA**

**ARCHAEOLOGY OF THE CONTESTADO WAR (1912-1916):  
CONFLICT, MATERIAL CULTURE AND MEMORY**

Jaisson Teixeira Lino

James Symonds





*Submetido em 28/10/2019.*

*Revisado em: 08/04/2020.*

*Aceito em: 29/07/2020.*

*Publicado em 29/01/2021.*

**ARQUEOLOGIA DA GUERRA DO CONTESTADO (1912-1916):  
CONFLITO, CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA**

**ARQUEOLOGÍA DE LA GUERRA DE CONTESTADO (1912-1916):  
CONFLICTO, CULTURA MATERIAL Y MEMORIA**

**ARCHAEOLOGY OF THE CONTESTADO WAR (1912-1916):  
CONFLICT, MATERIAL CULTURE AND MEMORY**

Jaisson Teixeira Lino<sup>1</sup>

James Symonds<sup>2</sup>

---

RESUMO

O artigo apresenta os resultados obtidos até o momento sobre pesquisa arqueológica de longo curso sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), que ocorreu no meio oeste do Estado de Santa Catarina e opôs a população sertaneja da região contra as forças militares federais e estaduais. Até esta ocasião, foram registradas dezenas de sítios associados ao conflito propriamente dito. Além disso, têm-se realizado estudos sobre locais associados ao processo de industrialização da área (madeireiras e ferrovias) – tido como um fator fundamental para a eclosão do conflito –; e a materialização de espaços sagrados, por conta do singular fenômeno de catolicismo popular estabelecido na região desde meados do século XIX. Portanto, para além da materialidade do conflito, este projeto visa estudar a paisagem cultural da região em tela de modo contextual, observando como diferentes lugares se relacionam com a população envolvida na guerra. Apresentamos aqui as linhas gerais do projeto, com foco no escopo teórico-metodológico e nos trabalhos de campo realizados até agora.

**Palavras-chave:** Arqueologia do Conflito, Arqueologia Contemporânea, Guerra do Contestado.

---

<sup>1</sup> Doutor pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro (UTAD) de Portugal, 2012; Pós-Doutor pela Universidade de Amsterdã, Holanda, Professor da Universidade Federal Da Fronteira Sul. E-mail: [lino@uffs.edu.br](mailto:lino@uffs.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5582-526X>.

<sup>2</sup> PhD pela University of Sheffield, Inglaterra, 2006. Professor de Arqueologia Histórica na University of Amsterdam, Holanda. E-mail: [j.symonds2@uva.nl](mailto:j.symonds2@uva.nl). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5151-5448>.

RESUMEN

El artículo presenta los resultados obtenidos hasta el momento cuanto a una investigación arqueológica de largo curso sobre la Guerra de Contestado (1912-1916), que ocurrió en el medio oeste de la provincia de Santa Catarina, y se opuso a la población campesina, denominada “sertanejos” de la región, contra las fuerzas militares federales o estatales. Hasta esta ocasión, fueron registrados hasta el momento, decenas de fincas asociadas al conflicto propiamente dicho, pero también siguen los estudios locales asociados con el proceso de industrialización del área (medereras y ferrovías), observado como un factor fundamental para la eclosión del conflicto, y la materialización de espacios sagrados, por cuenta del singular fenómeno del catolicismo popular, establecido en la región desde el siglo XIX. Por lo tanto, más allá de la materialidad del conflicto, el proyecto visa estudiar el paisaje cultural de la región en destaque de modo contextual, observando como diferentes lugares se relacionan con la población involucrada en la guerra. Se presentan acá las líneas generales del proyecto, con enfoque para el escopo teórico-metodológico y en los trabajos a campo realizados hasta ahora.

**Palabras clave:** Arqueología del Conflicto, Arqueología Contemporánea, Guerra de Contestado.

ABSTRACT

This article presents preliminary results from a long-term archaeological research project on the Contestado War (1912-1916), which took place in the Midwest of Santa Catarina State, Brazil, when the region's rural population opposed the federal and state military forces. So far, dozens of sites associated with the conflict have been recorded, whereas sites associated with the process of industrialization of the area (logging and railroads) have also been studied. Industrialization was a key factor in the outbreak of the conflict. Meanwhile, sacred spaces were rising due to the unique phenomenon of popular Catholicism, which had been established in the region since the mid-nineteenth century. Beyond the materiality of the conflict, the project aims to study the cultural landscape of the region contextually, observing how different places relate to the population involved in the war. This work presents the general outlines of the project, focusing on the theoretical-methodological scope, and the fieldwork that has been carried out so far.

**Keywords:** Conflict Archaeology, Contemporary Archaeology, Contestado War.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre as pesquisas arqueológicas da Guerra do Contestado dentro das esferas conceituais do conflito<sup>3</sup>, pós-conflito<sup>4</sup>, resistência<sup>5</sup> e memória<sup>6</sup>, com particular ênfase nas diferentes apropriações dos lugares (tidos como sítios para os arqueólogos) por diferentes agentes sociais.

Em anos recentes, pesquisadores têm demonstrado um crescente interesse em explorar o uso da cultura material para estudar conflitos sociais e as maneiras pelas quais eventos passados são interpretados com base em ideias modernas. Conflitos passados e suas interpretações são um assunto atual de preocupação. A sociedade sempre é definida pelo conflito. O pensamento dialético ensina-nos que a experiência das sociedades passadas é parte e parcela de uma constante luta entre os atores sociais. A história das sociedades de classe envolve a análise de apropriações de excedentes, contradições internas e diferentes formas de dominação e resistência. A interpretação do conflito é subjetiva. Em consequência, nós podemos interpretar eventos passados como uma série de textos complexos que compõem um discurso.

Se conflito e subjetividade são integrais à evidência e interpretação arqueológica, então é impossível rejeitar a existência de múltiplos pontos de vista. Sempre existem diferentes maneiras de conhecer o passado. Tendo isso em mente, nós podemos apresentar algumas questões significativas: Quem está em posição de ganhar acesso ao conhecimento? Quem está em posição de participar da criação e reinterpretção do passado? E essas são questões do passado potencialmente inclusivas, ou exclusivas, em termos dos interesses sociais a que elas servem?

Neste artigo, nos referimos ao estudo arqueológico do conflito e do pós-conflito no Brasil, que é frequentemente caracterizado como uma sociedade violenta por várias razões, não menos por causa de suas desigualdades sociais muito visíveis. Em nosso estudo de caso da Guerra do Contestado, visamos demonstrar que a cultura material é uma poderosa ferramenta que pode ofertar novas perspectivas em histórias subalternas. Dois bons exemplos sobre a relevância do passado para o presente são: a transferência do poder para agentes sociais; e as controvérsias causadas pela interpretação da repressão. Este artigo coloca muitas questões e propõe algumas respostas. Em vez de apresentar uma solução absoluta, entretanto, nós encorajamos uma discussão pluralística sobre assuntos correlatos.

---

<sup>3</sup> Conflito é conceituado aqui como todo ato humano de violência, que envolva duas ou mais partes em oposição. O interesse da arqueologia reside nas materialidades decorrentes desses atos, como por exemplo, a produção de campos de batalha (Lino e Funari, 2013).

<sup>4</sup> A arqueologia do pós-conflito tem sido definida como as atividades de pesquisa e educação realizadas em áreas afetadas por atos conflitivos, cuja paisagem tenha sido alterada de modo discreto ou de maneira impactante, gerando diferentes tipos de novas materialidades. Grosso modo, tem-se desenvolvido a partir de três aspectos: 1. o estudo dos vestígios gerados pelo conflito, isto é, os trabalhos arqueológicos propriamente ditos e suas implicações científicas, sociais e políticas; 2. o estudo de sítios anteriores ao conflito em torno de salvamentos e avaliações de impactos gerados pelos atos bélicos e; 3. as relações das comunidades com os sítios gerados pelos conflitos, seus usos, ressignificações, lembranças e esquecimentos (para exemplos sobre arqueologia do pós-conflito, consultar o volume editado por Paul Newson & Ruth Young, 2018).

<sup>5</sup> Quase sempre utilizado em uma relação antitética com dominação, “resistência” tem sido utilizado, para o caso de encontros coloniais e colonialistas e por aqueles que pesquisam os processos de violência – majoritariamente de agentes estatais contra grupos sociais e/ou étnicos, geralmente minoritários –, como um contraponto ao conceito de “aculturação”. para o caso de encontros coloniais e colonialistas, e por aqueles que pesquisam os processos de violência, majoritariamente de agentes estatais contra grupos sociais e/ou étnicos, geralmente minoritários. Trata-se, portanto, de ações sociais e/ou culturais levadas a cabo contra atos de dominação, física ou simbólica (Orser Jr., 2005, p. 534).

<sup>6</sup> Memória é aqui entendida como o conjunto de lembranças pretéritas ativadas pelo cérebro em um contexto individual (Ricoeur, 2018) ou coletivo (Halbwachs, 2017). Com particular interesse para a arqueologia, essas lembranças podem ser embebidas em coisas, lugares e estruturas, conforme discussões presentes em Nora (1993), para os lugares de memória; e Assmann (2016), para objetos e monumentos.

A Guerra do Contestado ocorreu na região sul do Brasil entre os anos de 1912 e 1916 (Figura 1), opondo a população local – conhecida como sertaneja ou cabocla – contra as forças militares estaduais e federais. Dentre as causas do conflito, destaca-se a construção de empreendimentos capitalistas por meio de ferrovias e madeireiras na região, que levou à expulsão da população pobre e posseira de suas terras.

A população se aglomerou em vilas assentadas em áreas de difícil acesso com uma rígida organização social e religiosa, chamada de redutos santos. Esses locais foram sendo sistematicamente destruídos pelas forças militares até o final de 1915. Como saldo, cerca de 6 mil pessoas morreram no conflito, a maior parte sertaneja.

Após o conflito, os agentes públicos trataram de resolver pendências territoriais entre os Estados de Santa Catarina e Paraná e fomentar a instalação de companhias colonizadoras, visando atrair imigrantes de origem europeia para a região. Em resumo, a população pobre continuou sendo compelida a continuar com duras condições de existência e até hoje a região onde a guerra se desenvolveu continua sendo uma das mais pobres do sul do Brasil.

A seguir, apresentam-se algumas reflexões sobre o tema, com particular ênfase nos desdobramentos do território após o conflito e no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas com enfoque arqueológico e patrimonial.

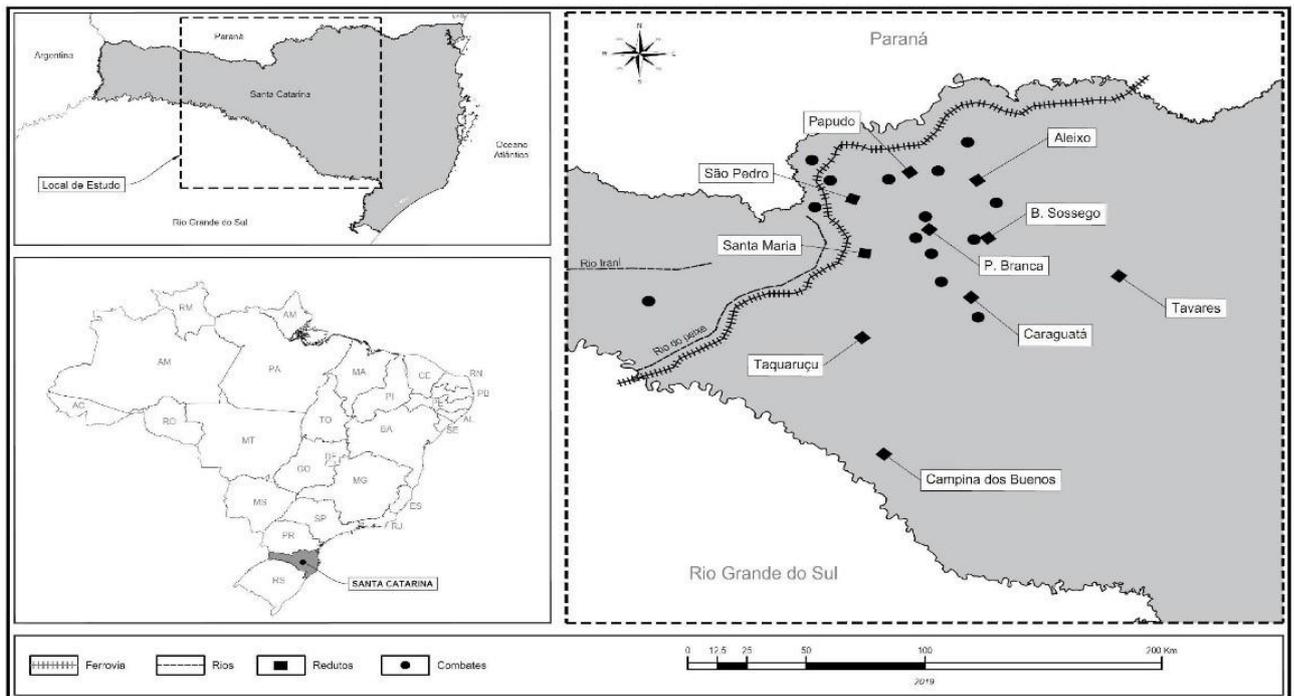


Figura 1. Localização geográfica da área de estudo com os principais redutos e campos de batalha da Guerra do Contestado. Elaborado por Jaisson Teixeira Lino e Mauro Fusinato (2019).

A GUERRA DO CONTESTADO ENTRE A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA: UMA BATALHA DE FONTES

Na linha do tempo de uma história do conhecimento gerado pelo estudo da guerra do Contestado, a arqueologia com viés acadêmico aparece por último. Embora ainda em boa parte desconhecida do grande público, os estudos sobre o conflito do Contestado possuem hoje um número considerável de publicações nas áreas de humanidades, que vão de estudos sociológicos (passando por geografia, antropologia) à história - esta última disciplina, com o maior número de estudos: de trabalhos pioneiros de história oral a recentes reflexões sobre novos documentos recém-descobertos<sup>7</sup>.

Como dito anteriormente, na seara acadêmica, a arqueologia apareceu mais recentemente. Considerando a história do desenvolvimento da disciplina no Brasil e seus avanços teóricos e metodológicos das últimas três décadas (Funari, 1999), coloca-se a pergunta do porquê arqueólogos não se interessaram por esse importante objeto de estudo, pleno de materialidades distribuídas em um amplo território.

O corolário máximo da arqueologia tradicional, herdada de seus inícios em meados do século XIX, (Funari, 1999; Funari, 1999-2000; Funari, 2003; Robrahn-Gonzalez, 1999-2000; Barreto, 1999-2000, Trigger, 2004) supõe ser a arqueologia utilizada somente para estudar aqueles povos em que a cultura escrita esteja ausente; ou que não se tenha deixado documentos escritos sobre os mesmos. Assim, caberia à arqueologia estudar somente a “pré-história”, termo por si só problemático<sup>8</sup>, em que somente os testemunhos arqueológicos poderiam montar um quadro do passado de sociedades e períodos ágrafos. Em pleno século XXI, arqueólogos e sociedade em geral mantêm em parte essa ideia, com preconceitos gerados a partir da própria comunidade científica, cética das contribuições que a arqueologia poderia fornecer para a compreensão de todos os grupos humanos, independente da oferta ou não de documentos escritos.

Quando assumem que a arqueologia pode apenas “auxiliar” a história, se está endossando a escrita como fonte máxima e legítima de acesso ao entendimento do passado humano. Questão que, inclusive, já foi superada por parte da comunidade de historiadores; tanto a partir da crítica ao documento escrito, como algo “puro” e “imparcial”, quanto com a abertura para o uso de muitas outras fontes: como as imagens, as informações orais, a cultura material e assim por diante<sup>9</sup>.

Este parece ser o caso da Guerra do Contestado. A ausência de estudos arqueologicamente orientados situa-se entre o desinteresse de arqueólogos pelos vestígios do conflito e a crítica de historiadores sobre as possíveis contribuições e novas informações que podem ser fornecidas. Tais problemas estão associados ainda com o protagonismo de determinadas fontes, como os documentos escritos na construção das narrativas do conflito. Em suma, existe uma conjunção de fatores que passam pelo *habitus* consolidado nas comunidades de historiadores e arqueólogos (Bourdieu, 1989), com a lentidão com que os paradigmas científicos são transformados, substituídos ou revisados (Kuhn, 1970).

Porém, aos poucos a arqueologia vem mostrando o potencial para a construção de narrativas sobre o passado contemporâneo, com novos dados e enfoques; além de mostrar os ganhos epistemológicos dos estudos realizados em caráter multidisciplinar. A arqueologia pode fornecer informações sobre os “vencidos” do

---

<sup>7</sup> Para uma visão geral de novas pesquisas sobre o tema, ver Valentini *et al.* (2012) e Valentini & Rodrigues (2015). Ambas publicações contêm parte dos trabalhos apresentados em simpósios nacionais sobre o centenário do Contestado.

<sup>8</sup> Ver discussão sobre o conceito de Pré-história em Funari & Noelli (2006).

<sup>9</sup> Sobre a diversidade de fontes, seus limites e possibilidades para a pesquisa histórica, ver Burke (1992) e Pinski (2008).

conflito, considerando-se que a maior parte das fontes foram produzidas pelos “vencedores”: militares, políticos, religiosos, jornalistas, intelectuais. Ao contrário, os objetos refletem indistintamente todas as classes, etnias e assim por diante, proporcionando uma alternativa de estudo daqueles povos alijados dos documentos escritos: a fonte primeira e última dos historiadores tradicionais. Casas, ruínas, sítios arqueológicos, ferramentas, utensílios, enfim, o conjunto da cultura material permite a todos os segmentos da sociedade uma forma direta de ligação com o passado, que, nesses casos, se mostra tangível, palpável (Ballart, 1997). Pedro Paulo Funari fornece uma conclusão para o que se tem escrito aqui, quando afirma que

[...] os documentos escritos informam-nos sobre as ideias de seus autores, em geral pertencentes a uma minoria dos que sabem ler e escrever. A escrita, assim, é um instrumento de poder, de classe. A cultura material, por outro lado, é o resultado, em grande parte, do esforço das pessoas comuns e conserva-se, muitas vezes, sem que assim se queira ou planeje, como testemunhos involuntários da história (Funari, 2003, p. 40).

Ainda de acordo com Funari, a solução para esse impasse reside no uso do enfoque complementar, em que artefatos e documentos escritos dialogam dialeticamente, podendo-se, inclusive, questionar a autenticidade das informações de um ou de outro, ou, pelo contrário,

Corroborar-se os dados apresentados por ambos. Desse modo, portanto, pode-se estudar os significados históricos e sociológicos das sociedades do passado, além de tornar possível a constatação do uso das fontes como mecanismo de poder e ideologia, muito mais presentes nos documentos escritos (Funari, 2003, p. 41-42).

A abordagem adotada neste artigo busca inspiração de recentes pesquisas internacionais em arqueologia contemporânea e histórica (González-Ruibal, 2007; González-Ruibal *et al.*, 2008; Olsen & Pétursdóttir, 2014; Saunders, 2004; Sørensen & Viejo-Rose, 2015). Particularmente nós exploramos as materialidades do conflito crendo que uma abordagem arqueológica e histórica integrada pode criar intuições que lancem nova luz sobre as principais narrativas convencionais da guerra. Abertamente admitimos que nosso trabalho é uma intervenção com implicações políticas (Tilley, 1989) e reconhecemos as tensões que existem entre as diferentes fontes de evidência e como elas têm sido convencionalmente postas em uso. Nossa abordagem interdisciplinar tenta aparelhar o que tem sido chamado de as qualidades “democráticas” e “transformadoras” dos depósitos arqueológicos (Atalay, 2016; Wood, 2002).

#### AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Desde 2009, um dos autores deste artigo vem desenvolvendo projetos arqueológicos sobre a Guerra do Contestado, sendo que, até então, não foram realizados estudos arqueológicos de cunho acadêmico sobre o tema, com a arqueologia sendo desenvolvida no âmbito dos colecionismos e pesquisas de amadores (Lino, 2009, 2011).

Com relação aos campos de batalhas e antigos redutos (Figura 2), tampouco existiram ações de proteção patrimonial nos níveis federal, estadual ou municipal, exceto o registro como sítio arqueológico e histórico do

local da Batalha do Irani (1912), feito pelo arqueólogo Rossano Lopes Bastos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1990<sup>10</sup>.

O primeiro estudo foi realizado no âmbito da arqueologia de contrato, em que, durante levantamentos prospectivos no município de Ibicaré-SC, foram registrados locais relacionados com a ferrovia, localizando-se uma casa de turma e um cemitério de turmeiros (Lino, 2009)<sup>11</sup>.

Desde então, vêm-se realizando diversos trabalhos arqueológicos, culminando com uma tese de doutorado (Lino, 2011); um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq<sup>12</sup>; além de projetos internos no âmbito da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Os resultados têm sido divulgados em forma de publicações (Lino, 2011, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2014).

Dentre os objetivos das referidas pesquisas, destacam-se: 1. Quais contribuições a arqueologia pode prover, para além daquelas já trabalhadas por outras áreas das ciências humanas, como a história e a sociologia; 2. Considerando que a maior parte das fontes geradas sobre o conflito são fontes produzidas pelos “vencedores” do conflito (militares, autoridades jurídicas, eclesiásticas, políticas e administrativas), como a arqueologia pode contribuir com informações sobre os “vencidos” por meio do estudo da cultura material dos sertanejos; 3. Como a arqueologia do Contestado se insere no escopo mais amplo da arqueologia internacional sobre conflitos e guerras; 4. Como a população da região, por meio de agentes públicos e privados, apropria-se e faz uso dos sítios do conflito; 5. Como a pesquisa pode romper com uma visão estreita da arqueologia e entender o próprio local onde ocorreram os fatos como um objeto arqueológico e, assim, ser passível de estudo; 6. Como a pesquisa pode ofertar meios de valorização identitária, e reivindicações políticas e econômicas para a população da região; 7. Como contribuir para a preservação e valorização do patrimônio cultural associado ao conflito e, como consequência, criar formas de geração de renda por meio do turismo cultural.



*Figura 2. Levantamento arqueológico na área do Reduto de Taquaruçu, Fraiburgo. Foto de Jaiisson Teixeira Lino (2010).*

---

<sup>10</sup> Ficha de registro disponível em [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br). Acesso: 17 de novembro de 2019.

<sup>11</sup> Turmeiros eram os trabalhadores que participaram tanto da construção da ferrovia como de sua manutenção. Para uma concisa história dos turmeiros da ferrovia São Paulo – Rio Grande, ver Espig (2008).

<sup>12</sup> Conselho Nacional de Pesquisa. Trata-se de um órgão do governo brasileiro de fomento à pesquisa.

Tem-se adotado um enfoque teórico e metodológico da arqueologia da paisagem nos estudos arqueológicos sobre o Contestado. De acordo com Criado Boado, a arqueologia da paisagem pode ser definida como o estudo arqueologicamente orientado da paisagem, buscando a compreensão de paisagens do passado por meio do estudo da “culturalização” dos espaços ocupados pelos seres humanos. Para que tal proposta seja possível, é necessário conjugar-se três diferentes dimensões desses espaços: o meio físico, sendo o palco do desenrolar das atividades humanas; o meio social, no qual os diferentes povos e indivíduos constroem seu mundo; e o meio simbólico, pelo qual as intervenções na paisagem são pensadas e o modo de vida é estruturado (Boado, 1999).

Transpondo para o caso do Contestado, o meio físico é o planalto meridional, com suas configurações geográficas e ambientais particulares, sendo o palco em que a materialidade ocupou lugar. O meio construído seria os pontos culturais materiais: aqueles vinculados à religiosidade, aos projetos capitalistas e à guerra propriamente dita<sup>13</sup>. Já o meio ideacional seriam os modos de pensamento que estruturaram essa materialidade, podendo ser acessada através de estudos historiográficos e, incluindo na agenda de estudo, feições naturais que não necessariamente tenham sido transformadas, mas que tiveram papel importante para as sociedades ou indivíduos que as conceberam – sendo exemplos disso: as grutas e fontes d'água “batizadas” pelos monges ou as feições do relevo utilizadas como “arma” por parte dos guerreiros sertanejos (Lino & Silva, 2011).

Além das fontes arqueológicas e materiais distribuídas na paisagem, tem-se utilizado também de fontes documentais escritas, cartográficas e iconográficas, sejam primárias ou secundárias. Relatórios militares<sup>14</sup> e álbuns fotográficos<sup>15</sup>, por exemplo, contribuem tanto para se estabelecer uma relação complementar entre arqueologia e história, quanto como guias para a localização de sítios arqueológicos.

As estratégias de pesquisa de campo têm privilegiado o levantamento de superfície e a realização de sondagens, poços testes e trincheiras, de modo não-sistemático, guiando-se por informações obtidas em fontes primárias e secundárias, informações de moradores, mapas e fotografias aéreas. Mais recentemente, iniciaram-se trabalhos de detecção de metais. Ainda não foram realizadas escavações de amplas superfícies.

Com o andamento das pesquisas, mais dados e informações vêm sendo obtidos sob o viés da arqueologia. Das estratégias metodológicas escolhidas, têm se obtido poucos resultados no que se refere à localização de objetos: até o momento, somente fragmentos de cabos de aço foram encontrados em uma possível área de descarte da Madeireira Lumber de Três Barras e um fragmento de metal (possivelmente alumínio), identificado no reduto de Santa Maria, em Timbó Grande (Lino, 2016).

Tem-se caminhado com mais resultados no registro e estudo de estruturas em superfície: trincheiras, estações ferroviárias, cemitérios, prédios e estruturas da madeireira Lumber, grutas, dentre outros. Nos últimos anos, tem-se avançado com pesquisas mais concentradas em dois lugares: na madeireira Lumber em Três Barras e no Reduto de Santa Maria, em Timbó Grande (Lino, 2016).

Na área da antiga madeireira, foram registrados os antigos prédios ainda remanescentes da companhia: escritório central, cinema, cassino, além das bases da antiga fábrica. Realizaram-se prospecções em uma provável área de descarte, onde foram encontrados fragmentos de cabos de aço – provavelmente pertencente

---

<sup>13</sup> Para Silva (2009, p. 49), a cultura material é o principal legado da formação do território do Contestado, cujas relações sociais foram marcadas por meio do mundo material e podem ser vistas até os dias de hoje.

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, D'Assumpção (1917), Soares (1931) e Peixoto (1995a, 1995b, 1995c).

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Index (1987) e D'Alessio (2003).

ao maquinário utilizado na extração de madeira – e prospecções na provável área de descarte do hotel da companhia, onde não foram encontrados objetos (Lino, 2016).

No reduto de Santa Maria, foram realizados sondagens, poços-testes e levantamentos, utilizando-se detecção de metais (Figura 3) no provável local do reduto, onde foi encontrado um fragmento de metal (alumínio) não identificado. Também foram encontradas três prováveis trincheiras: uma medindo 5,70 x 3,00 x 0,95 metros; a outra medindo 3,00 x 3,00 x 0,60 metros; e a terceira medindo 5,20 x 2,30 x 1,00 metros. Na área em que a população local identifica como o cemitério do reduto foi encontrada uma estrutura de pedras basálticas (seixos de rios, Figuras 4 e 5), medindo 4,40 x 5,20 metros, com formato circular, havendo uma espécie de entrada (também de pedra) na direção noroeste.



Figura 3. Prospecções com detector de metais no Reduto de Santa Maria, Timbó Grande. Foto de Jaisson Teixeira Lino (2015).



Figura 4. Escavação de estrutura circular de pedra (blocos de basalto) no antigo reduto de Santa Maria, Timbó Grande. Foto de Isabella Brandão de Queiroz (2015).



Figura 5. Estrutura circular de pedra (blocos de basalto) evidenciados no antigo reduto de Santa Maria, Timbó Grande.  
Desenho de Everson Matias (2015).

Além dos sítios já citados, também foram realizados levantamentos de superfície e outras tarefas pontuais: 1. nos redutos de Caraguatá, Taquaruçu, Pedra Branca, Maria Rosa; 2. nos campos de batalha de Irani e Rio das Antas; 3. estações ferroviárias Engenheiro Melo, Rio Uruguai e Affonso Pena; 4. Madeireira da Lumber Company de Calmon; 5. grutas e fontes d'água da Lapa (PR), Porto União; 6. cemitérios em Pinheiro Preto e em Bela Vista do Toldo (Lino, 2011, 2016).

Na busca por uma relação complementar entre arqueologia e história, o registro de duas estruturas chama a atenção por estarem ausentes das demais fontes de pesquisa. Primeiro, registrou-se um presumível crematório em Lebon Régis: de acordo com a memória local, o lugar foi utilizado no contexto final da guerra em que militares cremavam os corpos dos sertanejos mortos nos confrontos, ou dos prisioneiros que estavam confinados em campos de concentração. A estrutura de pedra possui uma forma quadrada, cujas paredes medem 3 x 3 x 1 metro e foram construídas com pedras de afloramentos basálticos, muito comuns na área.

O outro local é uma estrutura escavada no solo e, portanto, não se tratando de abrigo, gruta ou caverna com formação rochosa natural. Há duas entradas, uma lateral e outra no teto, que possibilitam o acesso a duas salas, com marcas do que parecem ser negativos de atividades de picaretas ou ferramenta similar em seu interior. Segundo a tradição popular, seria um esconderijo de armas construído durante a guerra, servindo também como observatório de aviões. O fato é que a incógnita sobre sua funcionalidade persiste, podendo estar ou não relacionado com a guerra do Contestado. De qualquer modo, a estrutura já existe há muito tempo, já que os moradores lembram que sempre esteve lá. O lugar realmente poderia ter servido para fins bélicos, como esconderijo; como trincheira; ou como depósito de armas, munições ou alimentos. Contudo, somente com o aprofundamento das investigações, é que se poderá avançar no melhor entendimento dessas estruturas (Lino, 2011).

Em resumo, pode-se afirmar que os trabalhos arqueológicos sobre a Guerra do Contestado estão apenas no início, demandando-se pesquisa em longa escala para que se possa avançar com reflexões sobre esse importante conflito bélico ocorrido no sul do Brasil.

LEMBRANÇAS, ESQUECIMENTOS, COMUNIDADE E SENTIMENTO

A Arqueologia tem a capacidade de expor dificuldades e passados dolorosos ao coletar e validar evidência material relativa a atos de violência e agressão. Dentre as diversas problemáticas que permeiam a pesquisa arqueológica da Guerra do Contestado, sem dúvida que a questão “para *quem* serve a arqueologia” é a principal. Apesar de tudo que a Guerra do Contestado tirou dos sertanejos e caboclos que residiam na região onde ela ocorreu – como vidas, terras, casas, cultura, paz etc. –, após o conflito, o processo de alijamento da população não cessou, trazendo consequências significativas, dentre as quais: a negação do acesso à história e às construções identitárias que fornecem elementos de luta e resistência às condições atuais de sobrevivência<sup>16</sup>.

Uma prévia geração de arqueólogos processuais acreditava ser possível fazer pesquisa arqueológica com objetividade científica e destacamento. Refutamos essa posição e insistimos que arqueologia é uma forma de discurso socialmente incorporada, pois arqueólogos examinam resíduos materiais de ações humanas passadas no presente, sendo assim, as histórias que produzimos estudando esses resíduos são de uso social e têm poderes potencialmente transformadores (Atalay *et al.*, 2016; Saitta, 2007). Nesse sentido, intervenções arqueológicas têm a capacidade de mudar compreensões populares do passado, mas, talvez mais importante, também podem ajudar a formatar atitudes futuras e políticas sociais.

Pensando em abordagens de arqueologia comunitária, colaborativa e pública, observa-se o potencial que as pesquisas arqueológicas têm para as comunidades. Explica-se:

1. Possibilitar que os sítios registrados sirvam como “lugares de memória” que já são ou poderão ser utilizados como locais simbólicos e identitários de luta e resistência. Como exemplos temos: a) O local da batalha do Irani (22 de outubro de 1912, Figura 7), que assinala o início do conflito, é hoje muito visitado por diversos segmentos da sociedade e onde também acontecem alguns eventos importantes: com destaque para a Romaria da Terra de 2012 -evento da Igreja Católica que reuniu milhares de pessoas, conjugando a presença no espaço com os discursos proferidos por lideranças diversas que incluíam diferentes memórias do Contestado. b) O local do antigo reduto santo de Taquaruçu, que periodicamente recebe eventos, destacando-se reuniões do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e o Fórum Social organizado pela Igreja Católica em 2013. c) a Romaria da Terra, organizada por segmentos da igreja católica e movimentos sociais na cidade de Timbó Grande em 2015 (Figura 6), próximo ao reduto de Santa Maria, considerado o local com maior concentração de sertanejos na fase final da guerra em 1915.
2. Propor que os sítios do Contestado possam contribuir para o acesso à história e à cultura, condição essencial para valorizar os diferentes segmentos socioeconômicos e étnicos regionais, com especial destaque para as classes pobres e ainda hoje classificados como “caboclos”.
3. Resultar em medidas de turismo cultural, podendo gerar formas sustentáveis de renda, ao mesmo tempo que oferece, de forma sistemática e organizada, para pessoas de fora da região, a oportunidade de conhecer aspectos da história regional. No meio disso tudo, está a arqueologia a desempenhar papel fundamental,

---

<sup>16</sup> Exceto em alguns casos, políticas públicas passaram longe de estabelecer as bases para uma apropriação da história do conflito. Pelo contrário, no mais das vezes encobriu-se qualquer iniciativa de memorizar esse importante episódio que, por isso mesmo, possui reflexos até os dias atuais, considerando-se que a região do meio oeste de Santa Catarina possui muitos municípios com baixos índices de desenvolvimento humano (IDH). Em outras palavras, a pobreza é consequência direta do conflito.

já que se trata da área do conhecimento que por excelência trata das materialidades e lugares produzidos por ações do passado.

De modo geral, quando se comenta sobre a guerra do Contestado junto à população, ocorrem reações dúbias: de um lado, alguns se esquivam de tecer comentários ou, se o fazem, é de maneira vaga e episódica; de outro, decidem falar de acordo com uma tradição oral passada de geração para geração, em narrativas desenvolvidas em âmbito familiar. No segundo caso, chama a atenção o uso do termo “jagunço”, utilizado na época do conflito por militares, políticos, coronéis, padres para classificar aquelas pessoas que resistiram ao avanço militar<sup>17</sup>. O termo quando usado hoje ainda se desdobra, significando algo positivo – como um orgulho identitário, algo como “sou jagunço e por isso sou descendente daqueles que resistiram e lutaram por seus direitos” –; ou ainda com conotação pejorativa – deixando-se esclarecido que os “jagunços” são os outros, nunca eu ou meus parentes.



*Figura 6. Procissão religiosa nas proximidades do Reduto de Santa Maria, Timbó Grande, 2015. Nas bandeiras, os nomes dos redutos sertanejos da guerra. Foto de Jaisson Teixeira Lino (2015).*

Quando decidem falar, os habitantes da região municiam o pesquisador de informações muito importantes, destacando-se o conhecimento que possuem sobre os lugares de interesse arqueológico, como campos de batalha, redutos, acampamentos e, ainda, sítios associados aos aspectos religiosos e industriais ligados ao conflito. É possível afirmar que sem o apoio da comunidade não é possível desenvolver um levantamento consistente dos sítios do Contestado, pois, além de guiarem o pesquisador aos pontos de interesse, geralmente fornecem informações sobre objetos diversos que foram encontrados e coletados por eles próprios, ou por pessoas de fora.

O lugar identificado como sítio necessita ser submetido a intervenções arqueológicas para confirmação ou não de se tratar de sítio arqueológico. Esse ponto impõe um problema epistemológico: na falta de vestígios arqueológicos, mas apoiado na evidência oral, pode o arqueólogo registrar como sítio ou não? Para o caso

---

<sup>17</sup> Ver, por exemplo, Luz (1952).

particular ora tratado, a resposta é que o registro independe da prova material, sendo o próprio local considerado como um artefato arqueológico, isto é, pode a partir de sua materialidade ser tratado a partir de problemas arqueológicos específicos, pois dessa maneira, se estará valorizando os conhecimentos locais, e assim integrando a arqueologia à participação comunitária. O fato de este ou aquele lugar ser classificado como lugar de memória já possibilita a análise arqueológica sobre poder, identidade e memória, por exemplo.



Figura 7. Monumento nas proximidades do campo de batalha de Irani. Foto de Jaiisson Teixeira Lino (2010).

#### COLECIONISMO E ARQUEOLOGIA

O colecionismo pode ser definido como parte de uma infância da arqueologia. Desde a antiguidade existe uma valorização de objetos e estruturas antigas e, com isso, atividades que eram desenvolvidas tendo em vista a composição de coleções. Desde um simples *souvenir* para exposições ocasionais, até considerar-se objetos dotados de uma “história viva”; o colecionismo ajudou a fomentar a arqueologia e, ainda hoje, com a plena consolidação da área, constitui de fato parte importante das atividades de muitos arqueólogos (existem muitos pesquisadores que possuem coleções particulares) (Robrahn-Gonzalez, 1999-2000; Trigger, 2004).

De modo geral, as guerras chamam muito a atenção e, por consequência, em diversos casos, registram-se atividades de procura e coleta de artefatos a elas associadas. Os exemplos mais notórios podem ser observados com relação às duas grandes guerras mundiais, cujos campos de batalhas e campos de concentração sempre atraíram muitas pessoas interessadas na procura de objetos diversos (Saunders, 2010; Robertshaw & Kenyon, 2008; Herva, 2014; Thomas *et al.*, 2016).

As motivações para o exercício do colecionismo são diversas: alguns reúnem materiais que possam ser imbuídos de valor monetário, com vistas à comercialização; outros atraem-se pelo apelo histórico (possuir algo que realmente esteve “presente nos fatos”); e ainda tem-se aqueles que procuram materiais para doação ou mesmo montagem de acervos para instituições museológicas.

Especificamente para o caso do conflito do Contestado, as ações de colecionismo ocorrem frequentemente, afinal, desde o fim da guerra, se têm reunido materiais com implicações para a arqueologia do Contestado. Em Taquaruçu, por exemplo, no antigo reduto sertanejo destruído pelas forças militares em

1914, a população do entorno cotidianamente encontra artefatos arqueológicos: desde materiais bélicos, como armas, projéteis e fragmentos de indumentária; passando por objetos de uso cotidiano, como fragmentos de louça e moedas; até partes de esqueletos foram encontrados.

Parte desse material extraviou-se com o passar do tempo – não sendo raro pessoas de fora levarem embora diversos exemplares da guerra, como *souvenirs* –, mas parte foi conservada e atualmente encontram-se compondo o acervo do Museu do Jagunço (Figuras 8 e 9), localizado a poucos metros da área central do antigo reduto de Taquaruçu. A referida instituição tem como proposta reunir o maior número de materiais de posse de particulares, bem como realizar operações de coletas de material (informação pessoal do Sr. Pedro Felisbino, idealizador e responsável pelo museu).



Figura 8. Artefatos bélicos (cápsulas de projéteis de armas de fogo), fragmentos de cerâmica e louça encontrados no Reduto de Taquaruçu e sob a guarda do Museu do Jagunço, Fraiburgo. Foto de Jaisson Teixeira Lino (2010).



Figura 9. Sr. Felisbino, morador de Taquaruçu e arqueólogo amador, segurando uma cápsula de bomba não deflagrada. Foto de Jaisson Teixeira Lino (2010).

Existem mais exemplos. Podemos citar os casos de “arqueólogos amadores” (ou diletantes), que se propõem a realizar investigações por conta própria; assim como historiadores e profissionais afins, que, por vezes, realizam pesquisas de cunho arqueológico, coletando materiais (Figura 10). Existem também organizações, do tipo não-governamental ou similar, cuja proposta é a de “resgatar” a história do Contestado, considerando-se aí o objetivo de coletar materiais.

Porém, diferentemente desse histórico de coletas não submetidas aos ditames profissionais da arqueologia, tem-se o caso do local do primeiro combate do conflito em Irani, em que o lugar da batalha e os pontos de sepultamento dos mortos na ocasião do “entreveiro” não foram alvo de atividades amadoras de busca de objetos arqueológicos. Aparentemente, a ausência dessas intervenções pode proporcionar melhores condições de preservação do registro arqueológico. Contudo, tal conclusão carece de melhor avaliação,. Considerando que a área recebe constantemente visitas de turistas e estudantes, esse fato pode ter ocasionado intervenções como, por exemplo, pessoas que encontram materiais e levam embora consigo, como uma “lembrança” da visita.

De tudo isso, temos duas conclusões. Primeiro, se faz necessário um trabalho intenso de patrimonialização do Contestado, transformando locais da guerra em sítios arqueológicos, e assim, submetidos aos rigores da legislação e fiscalização dispostas sobre o patrimônio cultural. Segundo, onde os arqueólogos não chegam – isto é, não atuam e, no mais das vezes, não consideram tais objetos e estruturas como de interesse arqueológico –, existem pessoas que o fazem, coletando materiais; vendendo-os; destruindo-os; ressignificando-os; ou ainda criando seus próprios espaços de exposição museográfica.



*Figura 10. Facão encontrado por morador no Reduto da Pedra Branca, Irineópolis. Foto de Jaiisson Teixeira Lino (2015).*

#### PÓS-GUERRA DO CONTESTADO: AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM CULTURAL

Logo após o conflito, se pôs termo à disputa jurídica entre os Estados de Santa Catarina e Paraná sobre as terras da região do Contestado e além, por meio da assinatura de um Acordo de Limites em 1916.

Com o intuito de evitar novos conflitos sociais e continuar a modernização da região, o Governo de Santa Catarina iniciou um sistemático processo de colonização. Tal processo expressava a preferência para a ocupação do solo por parte de pessoas de origem europeia, com intenção de “branquear” e substituir a geografia humana,

trazendo consequências para a organização espacial e a cultura material até então predominantes na região (Renk, 1997; Radin, 2006; Valentini, 2009; Werlang, 1999).

Em 1917, o Estado de Santa Catarina criou oficialmente quatro municípios: Mafra, Cruzeiro (hoje Joaçaba), Porto União e Chapecó. O objetivo era organizar administrativamente e politicamente as áreas do ex-território Contestado, com foco primordial na ocupação das chamadas terras devolutas por colonos de origem europeia<sup>18</sup>.

A grosso modo, com respeito à ocupação humana, pode-se afirmar que o território do Contestado foi transformado majoritariamente por três camadas culturais: 1. indígena; 2. luso-brasileira e africana; 3. europeia ou de origem europeia (e não-portuguesa). Essas camadas culturais se interagem até os dias atuais, criando e recriando dialeticamente ora tensões e conflitos, ora harmonia e hibridismo (Noelli, 1999-2000; D'Angelis, 1995; Valentini, 1999; Machado, 2004).

Desta junção do meio natural com o cultural, moldou-se a paisagem regional que chegou ao início do século XX, quando então ocorreu o conflito do Contestado. Dessa grande miscigenação, surgiu o habitante típico da região: o caboclo. Jaci Poli (1995) procurou traçar um perfil básico do caboclo do planalto e do oeste catarinense, ressaltando que, embora formassem a maior parte do contingente populacional, em contrapartida, tinham poucas posses ou bens materiais. O autor afirma que, antes de se classificar o caboclo por sua origem étnica, muito difusa devido à miscigenação<sup>19</sup>, deve-se categorizá-lo mais em função de suas condições socioeconômicas, despossuídos que eram dos meios de produção, tanto da indústria pecuária quanto da extrativa.

No contexto da Guerra do Contestado, o termo “caboclo” é sinônimo de sertanejo, denotando uma ligação direta entre aqueles sujeitos que resistiram por anos às investidas das forças armadas brasileiras e estaduais, adicionado com um sentido de identidade até hoje assinalada entre a população do planalto catarinense<sup>20</sup>.

A terceira camada cultural mencionada começou a se configurar de forma eventual alguns anos antes da guerra. A Southern Brazil Lumber & Colonization Company, como o próprio nome sugere, tinha objetivo de instalar colonos no entorno de estações ferroviárias e madeireiras. Embora tal empreendimento tenha ficado em segundo plano, alguns assentamentos foram criados. Rio das Antas, uma dessas recém instaladas colônias da Lumber Company, foi atacada pelos sertanejos do Contestado no dia 2 de novembro de 1914. Os moradores resistiram e defenderam a povoação por conta própria, com um saldo de 12 mortos para o lado sertanejo e 7 mortos entre os colonos. Após o incidente, os habitantes do povoado decidiram fugir e abandonaram seus assentamentos (Queiroz, 1966). O local do combate é hoje um lugar de memória, aguardando pesquisas arqueológicas sistemáticas (Lino, 2011).

Contudo, somente com o fim do conflito e a resolução da questão de divisas estaduais do território, é que se estabeleceram companhias colonizadoras, que, de modo sistemático, foram recortando a paisagem com lotes

---

<sup>18</sup> Sobre a expulsão de comunidades tradicionais e indígenas na região, ver D'Angelis (1995) sobre os índios Kaingang; e Poli (1995) sobre os caboclos.

<sup>19</sup> Os sincretismos étnicos nas origens dos caboclos ainda estão por ser melhor estudados e compreendidos, sobretudo no que concerne às origens indígenas que precisam ser melhor historicizadas em nível local, entendendo-se as relações étnicas em suas especificidades de acordo com a região, uma vez que o extenso território do Contestado abarcou no passado o povoamento de distintos grupos, desde os primeiros habitantes caçadores-coletores, até a chegada dos povos Jê e Guaraní (Lino, 2015).

<sup>20</sup> Em anos recentes, se tem observado o surgimento de associações de caboclos, como a Associação Amigos da Viola Cabocla de Chapecó.

para venda para famílias de colonos europeus ou de origem europeia, sobretudo migrantes do estado vizinho do Rio Grande do Sul (Werlang, 1999; Radin, 2006; Valentini, 2009; Vicenzi, 2008).

O projeto colonizador do oeste catarinense estava em consonância com o pensamento social da época, que advogava aos elementos europeus certas qualidades que o fariam preferível ao elemento indígena e caboclo, no que se referiam aos projetos de desenvolvimento econômico da república brasileira, uma vez que somente o europeu considerado apto à produção agrícola e pecuária intensiva, com vistas à criação de excedentes, disciplinado e acostumado que estava com o trabalho voltado para a economia de exportação. Além disso, contemplava-se os argumentos para o “branqueamento” do país em detrimento da valorização racial de índios, negros e caboclos, tidos no mais das vezes como atrasados, primitivos e/ou bárbaros e que pouco contribuíram para o “progresso” brasileiro (Radin, 2006). De acordo com Arlene Renk (1997, p. 48):

A principal medida de incorporação do ex-Contestado à Santa Catarina foi a colonização. A eficácia do projeto colonizador requereu agente humano, cujo modelo foi o descendente do europeu, vindo das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Esse aspecto traz similitudes com a ideologia da colonização europeia no país – tendo como protagonistas os colonos “trabalhadores”, “construtores do progresso e da civilização”, no entanto, não contemplava nesse projeto a população brasileira, posseira.

Das dezenas de companhias colonizadoras que se instalaram na região, transformando de modo étnico a paisagem cultural, destaca-se a criação da Sociedade Austríaca de Colonização no Exterior, fundada pelo Ministro da Agricultura da Áustria, Thomas Thaler, com a instalação de uma colônia no epicentro geográfico da Guerra do Contestado. O referido ministro propunha a vinda de colonos que fugiam da crise econômica daquele país nos entreguerras para uma área adquirida no vale do rio do Peixe. Batizado de Dreizenlinden (Treze Tílias, Figura 11), o povoado recebeu de 1933 a 1937 cerca de 800 pessoas em sua maioria originárias da região do Tirol austríaco. Chama a atenção a proposta de Thomas Thaler de criar a colônia em uma região mais isolada possível e, assim, evitar-se os contatos e misturas étnicas (Piazza, 1994; Gintner, 2003; Pirker *et al.*, 2012).

Desse modo, a paisagem do ex-Contestado foi sendo modificada com a instalação de colonos europeus ou de origem europeia, que trouxeram consigo elementos culturais materiais e imateriais de seus territórios de origem. Como resultado, surgiram elementos culturais materiais e imateriais novos – como estruturas arquitetônicas, idiomas, festas, organização espacial, mentalidades, objetos, etc. –, que foram sendo ressignificados, adaptados e constantemente reinventados de acordo com as relações novas com o ambiente e com outras culturas.

Apesar do projeto colonizador ter tido consequências radicais na configuração socioeconômica e cultural da região, as camadas culturais anteriores continuaram a existir, criando-se bolsões de resistência e orgulho étnico. Hoje, a região do Contestado conta com terras indígenas (por exemplo: Toldo Chimbanguê e Aldeia Condá em Chapecó, TI Xapecó em Ipuçu e Entre-Rios, Imbu em Abelardo Luz, etc.), com quilombos (por exemplo: Campos Novos e Palmas) e com cidades e vilas majoritariamente de caboclos (por exemplo: Lebon Régis e Timbó Grande). Em resumo, os elementos étnicos responsáveis pela resistência aos empreendimentos capitalistas na região, apesar de medidas legais e políticas para seu desaparecimento, continuam presentes e criando novas formas de resistência.



Figura 11. Fachada de prédio com arquitetura de inspiração europeia em Treze Tílias, Santa Catarina.  
Foto de Jaisson Teixeira Lino (2017).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou descrever o estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Guerra do Contestado. Como se vê, o trabalho está apenas no começo. Dando continuidade aos estudos já iniciados, pretende-se avançar nas pesquisas de campo, registrando novos sítios de interesse, bem como realizar escavações em locais considerados com alto potencial para o achamento de vestígios arqueológicos, como, por exemplo, no antigo Reduto de Santa Maria.

Concomitantemente, pretende-se dar início a um amplo e permanente programa de arqueologia comunitária, com o desenvolvimento de atividades de educação patrimonial que possam atingir os diferentes segmentos da população regional. Uma das propostas incluem a participação efetiva da população nas diferentes etapas do trabalho arqueológico. Inclui-se nesse escopo caminhar no diálogo com pesquisadores amadores que realizaram ou continuam realizando pesquisas sobre a arqueologia do Contestado.

Um outro caminho que somente agora começa a se desenhar é a possibilidade de desenvolver-se estudos sobre os diferentes usos dos lugares relacionados ao conflito após seu abandono/uso, utilizando-se do conceito/teoria intitulada “biografias do lugar”, em que locais se tornam objetos de análise e suas trajetórias históricas são biografadas. Para o caso específico de lugares relacionados com conflitos e outros espaços de repressão/resistência, tem-se o volume organizado por Sorensen & Viejo-Rose (2015), cujos diferentes casos abordados na Europa mostram o potencial de estudos na área.

É nossa esperança que essa construção de herança tangível e intangível tenha um uso social, o qual permitirá que a atual e futuras gerações de brasileiros reflitam sobre a futilidade da guerra; a injustiça do governo e formas patrocinadas de repressão econômica e social; e o poder da solidariedade social e a informal “resistência de cada dia” (Scott, 1985, 1992).

Na metade dos anos 1960, o livro de Frances Yates “A Arte da Memória” arguiu que a memória social era dependente da estabilidade do local (Yates, 1966). No século XXI, a super modernidade desestabilizou objetos, eventos e lugares (González-Ruibal *et al.*, 2008). A sociedade contemporânea é indiscutivelmente caracterizada mais por esquecer do que por recordar (Connerton, 2009). Por essa razão, é importante que arqueólogos usem

suas habilidades para se engajarem com comunidades locais em lugares pós-conflito, para gerarem narrativas verossímeis e sustentáveis. Não é mais o caso de a história sendo escrita exclusivamente pelos vencedores; ou de simplesmente promover agendas nacionalistas. A memória social pode ser ativamente criada por um ativo engajamento com as materialidades e testemunhos orais do conflito. Em consequência, em vez de confundir as questões, as múltiplas narrativas que surgem do trabalho arqueológico podem ser efetivamente usadas para expor as mentiras e hipocrisias que tem sido tão frequentemente usadas por aqueles em posição de poder, na busca por lucro, para colocar um grupo social contra o outro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aasmann, A. (2016) *Espaços de Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Atalay, S., Clauss Clauss, L., Mcguire, R. & Welch, J. (Org.). (2016) *Transforming Archaeology: Activist Practices and Prospects*. New York: Routledge.
- Ballart, J. (1997) *El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso*. Barcelona: Ariel.
- Barreto, C. (1999-2000) A Construção de um Passado Pré-Colonial: Uma Breve História da Arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, vol. II, p. 32-51.
- Boado, F. C. (1999) *Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje*. Capa n. 6, Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela.
- Bourdieu, P. (1989) *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Burke, P. (1992) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp.
- Connerton, P. (2009) *How Modernity Forgets*. Cambridge: Cambridge University Press.
- D'Assumpção, H. T. (1917) *A Campanha do Contestado*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.
- D'Alessio, V. (2003) *Claro Jansson— O Fotógrafo Viajante*. São Paulo: Dialetto.
- D'Angelis, W. R. (1995) Para uma História dos Índios do Oeste Catarinense. *Para uma História do Oeste Catarinense: 10 anos de Ceom*. Chapecó: Unoesc, p. 141-219.
- Espig, M. J. (2008) *Personagens do Contestado: Os Turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Funari, P. P. (1999) Brazilian Archaeology: A Reappraisal. Politis, G. & Alberti, B. *Archaeology in Latin America*. Routledge: London & New York, p. 17-37.
- Funari, P. P. (1999-2000) Como se Tornar Arqueólogo no Brasil. *Revista Usp*, n. 44, vol. II, p. 74-85.
- Funari, P. P. (2003) *Arqueologia*. São Paulo: Contexto.
- Funari, P. P. & Noelli, F. S. (2006) *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Gintner, L. J. (2003) *O Tirol Brasileiro*. Rio De Janeiro: Altiava.
- González-Ruibal, A. (2007) Making Things Public: Archaeologies of the Spanish Civil War. *Public Archaeology*, vol. 6, n. 4, p. 203-226.
- González-Ruibal, A., Edensor, T., Funari, P. P., Hall, M., Holtorf, C., Leone, M., Meskell, L., Oliver, L., Saunders, N., Schofield, J. & Zarankin, A. (2008) Time to Destroy: an Archaeology of Supermodernity. *Current Anthropology*, v. 49, n. 2, p. 47-279.

- Halbwachs, M. (2017) *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Herva, V. (2014) Haunting Heritage in an Enchanted Land: Magic, Materiality and Second World War German Material Heritage in Finnish Lapland. *Journal of Contemporary Archaeology* 1.2, p. 297–321.
- Index. (1987) *Contestado*. Rio De Janeiro: Index.
- Kuhn, T. (1970) *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lino, J. T. (2009) Levantamento Arqueológico Prospectivo da PCH Andromix, Municípios de Ibicaré e Tangará, SC. *Relatório Final de Pesquisa*. Içara: Arqueosul.
- Lino, J. T. (2011) *Sangue e Ruínas no Sul do Brasil: Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916)*. Tese de Doutorado. Vila Real: Utad.
- Lino, J. T. & Silva, E. R. da. (2011) Paisagem Aliada, Paisagem Inimiga: Arqueologia, História e Natureza na Guerra do Contestado. *Revista Tempos Históricos*, vol. 15, n. 2, p. 179-204.
- Lino, J. T. (2012a) Arqueologia da Paisagem como Enfoque Teórico para o Estudo Arqueológico da Guerra do Contestado. *Tempos Acadêmicos*, n. 25, p. 58-67.
- Lino, J. T. (2012b) A Cultura Material da Guerra do Contestado como Documento Histórico. *Cadernos do Ceom*, n. 25, p. 45-70.
- Lino, J. T. (2012c) Heranças Materiais de uma Guerra: Os Cemitérios do Contestado, Sul do Brasil. *Esboços*, n. 19, p. 13-30.
- Lino, J. T. (2012d) Os Cemitérios da Guerra do Contestado (1912-1916): Aspectos Historiográficos e Arqueológicos. *Habitus*, n. 10, p. 187-201.
- Lino, J. T. (2013) As Batalhas da Guerra do Contestado: Passado e Presente. Lino, J. T. & Funari, P. P. (Orgs.) *Arqueologia da Guerra e do Conflito*. Erechim: Habilis Press, p. 195-211.
- Lino, J. T. & Funari, P. P. (2013) Considerações Sobre a Arqueologia da Guerra e do Conflito. Lino, J. T. & Funari, P. P. (Orgs.) *Arqueologia da Guerra e do Conflito*. Erechim: Habilis, p. 13-22.
- Lino, J. T. (2014) A Guerra do Contestado no Sul do Brasil: Um Enfoque Arqueológico. Leal, E. & Paiva, O. da C. *Patrimônio e História*. Londrina: Unifil, p. 125-138.
- Lino, J. T. (2016) Arqueologia do Conflito Bélico: Paisagem, Cultura Material e a Guerra do Contestado (1912-1916). *Relatório Final de Pesquisa*. Chapecó: UFFS.
- Luz, A. A. (1952) *Os Fanáticos: Crimes e Aberrações da Religiosidade de Nossos Caboclos*. Florianópolis: Edufsc.
- Machado, P. P. (2004) *Lideranças do Contestado*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Newson, P. & Young, R. (2018) *Post-Conflict Archaeology and Cultural Heritage*. Londres e Nova York: Routledge.
- Noelli, F. S. (1999/2000) A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil. *Revista Usp*, n. 44, p. 218-269.
- Nora, P. (1993) Entre Memória e História, a Problemática dos Lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28.
- Olsen, B. & Petúrsdóttir, P. (2014) *Ruin Memories: Materialities, Aesthetics and the Archaeology of Recent Past*. London: Routledge.
- Orser Jr., C. (2005) Resistance. In: Orser, Jr. Charles (Org.) *Encyclopedia of Historical Archaeology*. Londres e Nova York: Routledge, p. 534-535.
- Peixoto, D. (1995) *Campanha do Contestado* (3 vols.). Curitiba: Fundação Cultural.
- Piazza, W. F. (1994) *A Colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli.

- Pinski, K. (2008) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto.
- Pirker, H. et al. (2012) Transformation of Traditional Knowledge of Medicinal Plants: The Case of Tyroleans (Austria) who Migrated to Australia, Brazil and Peru. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 8, n. 44, p. 1-26.
- Poli, J. (1995) *Caboclo: Pioneirismo e Marginalização*. Para uma História do Oeste Catarinense: 10 Anos de Ceom. Chapecó: Unoesc, p. 71-110.
- Radin, J. C. (2006) *Companhias Colonizadoras em Cruzeiro: Representações Sobre a Civilização do Sertão*. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Ufsc.
- Renk, A. (1997) *A Luta da Erva: Um Ofício Étnico da Nação Brasileira no Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos.
- Ricoeur, P. (2018) *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Robershaw, A. & Kenyon, D. (2008) *Digging the Trenches: the Archaeology of Western Front*. South Yorkshire: Pen & Sword.
- Robrahn-Gonzalez, E. M. (1999-2000) Arqueologia em Perspectiva: 150 Anos de Prática e Reflexão no Estudo do Nosso Passado. *Revista Usp*, n. 44, vol. II, p. 10-31.
- Saitta, D. (2007) Ethics, Objectivity, and Emancipatory Archaeology. Hamilakis, Y., Duke, P. (Orgs.). *Archaeology and Capitalism: From Ethics to Politics*. Walnut Creek: Left Coast Press, p. 267-280.
- Saunders, N. (2004) *Matters of Conflict: Material Culture, Memory and the First World War*. London: Routledge.
- Saunders, N. J. (2010) *Killing Time: Archaeology and the First World War*. Gloucestershire: The History Press.
- Scott, J. (1985) *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Resistance*. New Haven e London: Yale University Press.
- Scott, J. (1992) *Domination and the Arts of Resistance: Hidden and Transcripts*. New Haven, CT and London: Yale University Press.
- Soares, J. O. P. (1931) *Guerra em sertões brasileiros: do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Papelaria Velho.
- Sorensen, M. L. S. & Viejo-Rose, D. (2015) *War and Cultural Heritage: Biographies of place*. New York: Cambridge University Press, 2015.
- Thomas, S., Seitsonen, O. & Herva, V. (2016) Nazi memorabilia, dark heritage and treasure hunting as “alternative” tourism: understanding the fascination with the material remains of World War II in Northern Finland. *Journal of Field Archaeology*, p. 1-13.
- Tilley, C. (1989) Archeology as socio-political action in the present. In: V. Pinsky & A. Wylie (eds). *Critical Traditions in Contemporary Archeology: Essays in the Philosophy, History and Socio-Politics of Archeology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, pp. 104-116.
- Trigger, B. (2004) *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus.
- Valentini, D. J., Espig, M. J. & Machado, P. P. (2012) *Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)*. 1ed. Pelotas: PREC – UFPEL.